

Movimento mundial pela vida

No Brasil, em tempos de pandemia, cada vida sem distinção, deveria importar igualmente e não só para a sua família



O trabalho com técnica mista é inspirado na onda de protestos do Movimento *Black Lives Matter*, que atribui ao racismo a morte do afro-americano George Floyd. Asfixiado por um policial branco, nos Estados Unidos, no dia 25 de maio, o fato fez ressurgir o movimento contra o racismo em nível mundial.

A moldurada de imagens e capas de celular, são bocas clamando pela vida. Os cabelos representam os diferentes pensamentos. Mas o coração pulsa a vida igualmente em todos.

No Brasil, em tempos de pandemia, o grito pela vida vai além da questão racial. A falta do sentimento de coletividade leva grande parte da população a descumprir as regras básicas de prevenção.

A consequência é que muitos perdem a vida por falta de atendimento, apesar do SUS atender a todos igualmente, o atendimento está centralizado nas grandes regiões urbanas. E, para muitos, a consciência da gravidade da situação só chega quando enterra “os meus mortos”.



Cada um no seu quadrado

Em 2008, era lançada a música e brincadeira cada um no seu quadrado. Num dos videocliques mais famosos, a cantora Sharon canta a “Dança do Quadrado”. Com produção de Antônio Tabet e Cadu Scheffer é estrelado por Tião, Ricardo Amaral e Claudinho Castro que dançam em quadrados de cores diferentes e não podem pisar na linha sob pena de pagar uma prenda.

A expressão volta ao cotidiano agora de forma mais ampliada e no mundo todo. A tela de aplicativos de reuniões, encontros pessoais e ou profissionais e aulas virtuais colocam cada um dentro de seu quadrado. E o limite de cada um é a própria casa. Ninguém pode pisar na linha, sob pena de pagar a prenda de levar o Corona Virus sorrateiramente para dentro do próprio quadrado, sua casa.

Neste momento em que o número de contaminados e doentes aumenta rapidamente, é preciso ampliar o sentido do “cada um no seu quadrado”. Estar no seu quadrado é fazer tudo o que lhe cabe: ficar em casa, usar máscara corretamente todo o período que permanecer fora de casa ou em contato com outra pessoa, respeitar a distância de 2 metros de todos os interlocutores, mesmo dentro de casa, e praticar diariamente ações para aumentar a própria imunidade e dos seus familiares.

De um lado, fisicamente, o quadrado, é a casa de cada um e passou a ser o melhor lugar do mundo para se estar. E, como na música, pisar na linha limite ou sair além delas, leva a “pagar uma prenda, ou um castigo. Vale lembrar que a prenda a ser paga pode ser a própria vida ou de seus parentes e amigos próximos especialmente os que vivem na mesma casa.

Usar máscaras sempre que estiver em contato com outras pessoas, inclusive familiares e dentro de casa, especialmente se você for a pessoa que esta saindo de casa para fazer as compras ou trabalhar.

A explicação é simples. Pesquisas tem mostrado que a maioria dos contágios acontece entre os membros da família e dentro de casa. A pessoa que sai para trabalhar, ou fazer outras compras, é quem traz o parasita para dentro de casa. Uma vez dentro do corpo humano, o vírus atua de modo diferente em cada pessoa. Tudo depende da imunidade da pessoa. Está comprovado também que mesmo os assintomático transmitem.

O contato com pessoa contaminada assintomática é uma das principais formas de levar o Corona Virus para dentro de casa. Afinal, quem vê cara, não vê vírus. E, por mais que bem intencionada, se estiver contaminada, a pessoa estará multiplicando e transmitindo o vírus.

A quantidade de “pseudo especialistas” em prevenção a COVID-19 só aumenta. E neste momento em que a região Sul passa a ser o epicentro da pandemia no Brasil, e o Brasil, o epicentro do mundo, passou a ser o la-

boratório das vacinas em fase final de desenvolvimento; o aumento acelerado da contaminação provoca, também, o crescimento acelerado de pessoas em depressão e síndrome de pânico.

Enquanto os comerciantes estão entre a cruz da falência e a espada das possíveis multas por descumprimento de determinações governamentais da saúde, milhares de consumidores crenças em pseudo especialistas, tomam remédios, suco de limão e laranja com casca e tudo, deixando de fazer exames e ir ao médico para tratar de outras doenças.

Ao mesmo tempo, os egoístas sem o menor indicio de sentimento comunitário e de compaixão pelo próximo, saem às ruas sem máscaras e participam de festas, encontros e até de atos públicos aglomerados em ambientes públicos, em casas comerciais, bares, restau-



rante e até mesmo em elevadores e no transporte público. Vivem como se nada estivesse acontecendo.

Há anos os professores tentam entender porque há alunos que, apesar de frequentarem as salas de aula regularmente e dedicarem atenção às suas explicações, não aprendem. Agora ficou claro que, não basta alguém querer ensinar, é preciso que o outro queira aprender. Não basta o governo determinar e os meios de comunicação repetirem à exaustão, sem respeito ao direito à vida do outro, sem espírito comunitário, o brasileiro egoísta e individualista, não é capaz de enxergar além do próprio umbigo. Nestes continua o pensamento mágico típico de adolescente: “nada acontecerá comigo. Eu sou melhor, eu sou imune”. E isso lhe basta.

E o pior é que, no Brasil a responsabilidade é jogada para o CNPJ (a empresa é que arrecada e repassa ou paga a quase totalidade dos impostos). Nossa legislação pune o CNPJ e exime as pessoas (CPF) de cumprir a sua parte.

Deste modo, acostumados à impunidade, o brasileiro “caíra na real”, de que é o CPF e não o CNPJ quem fica doente. E o cidadão quem precisa se prevenir e cumprir as regras sanitárias. E deveria ser a pessoa, e não a empresa a ser multada por descum-

primento das normas. Mas, a reforma tributária nesta linha sequer está nos planos do poder central.

Enquanto isso, começamos a enterar os ‘nossos mortos (familiares, vizinhos, amigos, conhecidos). E agora é chegada hora de ouvir os profissionais da saúde e manter o distanciamento, usar máscaras, higienizar carros, produtos e embalagem. De nada adianta entrar em pânico, caçar as bruxas ou atribuir a culpa ao outro. E também não é tempo de alegar, “a culpa é minha eu a atribuo a quem eu quiser”.

Em pânico, condição que pode ser considerada natural depois de quatro meses de isolamento, as pessoas tendem a acreditar em qualquer dica de especialista. Por mais estranho que possa parecer, em pânico, começam a fazer a própria parte.

Afinal, nada nem ninguém, tem carimbo ou estampa de estou con-

Não adiantará humilhar os médicos, ou os funcionários públicos, você terá de esperar a sua vez, que pode não chegar em tempo.

Uma das maneiras de ‘medir seu grau de tensão’ e ‘participação social na prevenção’, é observar se você encontra justificativas para seus atos e está sempre dando sugestão para amigos, vizinhos, familiares ou mesmo para aquele cara que passou na esquina sem máscara sem que eles peçam. Se a resposta for sim, é porque você NÃO está fazendo a SUA parte.

Na verdade, está na fase de caça às bruxas ou tentando transferir a culpa de sua própria insanidade, aos outros. Esta é uma maneira de burlar o SEU QUADRADO, PISANDO NO LIMITE e eximir-se de assumir a própria responsabilidade.

A cada dia, a afirmação publicada em abril por uma enfermeira carioca: ‘enquanto não estivermos enterrando os Nossos Mortos, ninguém acreditará na gravidade dessa doença’, é mais verdadeira. Ou seja, o brasileiro, cinco meses após iniciar a pandemia por aqui, continua com o pensamento mágico de adolescente: nada vai acontecer comigo, só com meu amigo.

Na atual fase da pandemia, podemos atualizar alguns ditados populares: 1) Quem vê cara não vê vírus. 2) Diga-me com quem andas que te direi se és um contaminador. 3) Mais vale uma máscara no rosto, do que dois parasitas minúsculos se reproduzindo em suas células.

Mais do que nunca, FIQUE no seu quadrado. FAÇA A SUA PARTE. Esta é a única maneira de fazer o bem sem olhar a quem.

taminado, sou contaminante. É preciso lembrar que as pessoas, mesmo os familiares e amigos e colegas de trabalho, estão em contato com outras pessoas.

Além disso, há estudos mostrando que a contaminação se dá, principalmente, pelo ar. Portanto, as gotículas que permanecem suspensas ou caem no chão podem contaminar por cerca de 15 minutos quem passar por ali.

Nem os cientistas tem certeza sobre como o contágio se dá e ainda não se conhece tratamento algum que se mostre eficaz em nenhuma fase da doença. Ou seja, nós seres humanos que amamos a vida e queremos continuar vivos, temos pouca coisa a fazer.

Nada mais, além de prevenir o contágio respeitando às regras de higiene e o distanciamento social e aumentar a própria imunidade com alimentação saudável e atividade física regular. Afinal, cada um só pode fazer a sua parte.

São as pessoas e não as empresas ou o governo quem precisa respirar para viver. São as pessoas que necessitam de atendimento no sistema de saúde público, nas UTIs lotadas. Se precisar respirar e todos os respiradores da cidade estiverem sendo usados, não há lei que obrigue um médico a tirar outro paciente para dar lugar a você.

EXPEDIENTE

JE

Ano XXXIII - Nº 328
Junho/Julho de 2020

Rua Padre Kolb, 99 Bl 12/104
89202-350 Joinville - SC
Fone: (47) 3433 6120 e 984150630

Endereço Eletrônico:
www.jornaldaeducacao.inf.br
jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br

Jornalista Responsável:
Márcia Goreti Gomes DRT/SC
ISSN 2237-2164 (Impresso)
Reg. Especial de Título nº 0177593
Impressão: Grafimorte
Tiragem desta edição: 2000

Distribuição dirigida a assinantes, anunciantes e estabelecimentos de ensino dos municípios das regiões educacionais de Joinville e São Bento do Sul.

Os artigos e colunas assinados são de responsabilidade de seus autores

Pós-Covid: vida velha ou vida nova?

Dias atrás ouvi em uma reunião algo que me chamou muito a atenção e que gostaria de pensar mais a respeito. Ainda que timidamente, estamos prestes a sair do período de quarentena, flertando com o que seria um retorno a vida “normal”. Sem entrar no mérito de que este seja ou não o momento certo ou mais seguro, o que me chamou a atenção foi justamente a ideia de ser impossível simplesmente retomarmos nossas vidas e tocarmos o barco, segundo uma das participantes da minha reunião.

Os argumentos se desencontravam constantemente naquela conversa, uns afirmando que era possível sim voltarmos para nossa “vida velha”, e outros dizendo que nada voltará a ser como era antes, ou seja, aquela vida pré-pandemia não existe mais, portanto, impossível ser acessada novamente pois teremos uma “vida nova” a ser vivida daqui para frente. Achei curioso que esses argumentos tenham sido colocados de forma tão contraditória: “vida velha” versus “vida nova”, pois não acredito que as coisas precisem ser colocadas dessa forma, talvez exista uma terceira via mais conciliadora.

Ao invés de contrapor a vida velha com a vida nova, sugerindo que todos nós entramos em um novo mundo onde pouco se aproveita do anterior, gosto de pensar nas nossas vidas como um fluxo contínuo que se torna mais fluido quanto mais conseguimos nos ajustar e darmos novas respostas a novos problemas ou ainda darmos novas respostas a antigos problemas.

Vejo então que é possível sim voltarmos a nossa vida velha desde que ela já contemple uma dinâmica de adaptações e evoluções que tenha nos permitido chegar “bem” até a pandemia. Que tenha permitido também que enfrentássemos esse período da forma mais saudável possível e que agora nos permita olhar para frente esfregando as palmas das mãos e nos perguntando o que virá a seguir. Essa vida velha, diríamos, está bem alinhada com as novas demandas

de um mundo pós-pandemia.

Mas e se a vida velha já era uma vida inadaptada e com dificuldades de lidar com os problemas do cotidiano?

Então já era, mesmo antes da pandemia, necessário rever algumas posturas para que a vida seguisse seu curso de forma fluida e positiva. Se fazer escolhas equilibradas e coerentes já era difícil mesmo antes da pandemia, possivelmente não será mais fácil agora. Neste caso, ainda que haja uma vida nova, esta não poderá ser vivida por limitações impostas por um determinado modo de ser.

Agora, se as experiências pelas quais se passou ao longo dos últimos meses mudaram a forma de se enxergar o mundo e sua forma de fazer escolhas nele, ótimo! A verdadeira mudança da vida velha para a vida nova aconteceu e então habilita qualquer um a viver novas e melhores possibilidades de escolhas e, portanto, de vida.

Por fim, no meu modo de ver, a pandemia por si só não tem o poder de transformar vidas velhas em vidas novas. Esse poder está nas nossas mãos e pode ser acessado a qualquer momento, sempre pode, precisando apenas de um grande “gatilho” para ser disparado. A pandemia apenas tem nos oferecido constantes oportunidades de transição e cabe a cada um, dentro das suas possibilidades, aceitar e viver a nova ou velha vida que puder.

E você, que vida pretende viver na era pós-covid?

* Denilson Grecchi é consultor Grupo Bridge Pai dos pequenos Sophia, Lucca e Matteo! Adora tecnologia, uma boa história e não perde a oportunidade de dar um rolê com sua motoca. Psicólogo e Mestre, faz parte do time de consultores do Grupo Bridge.

Circula no whatsapp

“O tolo não tem prazer no entendimento, mas sim em expor seus pensamentos.”

Em tempos de redes sociais, esse provérbio é mais atual do que nunca.

Provérbios 18 | Michelson Borges

www.outraleitura.com.br

PROFESSOR, seu trabalho resultou em mais aprendizagem?

Mande sua sugestão de pauta:
E-mail: jornalismo@jornaldaeducacao.inf.br

[facebook.com/Jornal da Educação](https://www.facebook.com/Jornal da Educaçao)
www.jornaldaeducacao.inf.br

Mande seu artigo para a próxima edição do JECC

EDITORIA: MARIA GORETI GOMES (JE)
EDITORES CIENTÍFICOS: NORBERTO DALLABRIDA (UDESC) E DOUGLAS LEUTPRECHT (UNIBOSQUES)

www.jornaldaeducacao.inf.br/edicao-digital

CADERNO CIENTÍFICO

Ano II - Número 02 Setembro de 2019
Periodicidade Anual

Pesquisados, estudantes e professores já podem enviar seus artigos científicos e de opinião, relato de experiência e resenha para análise pela comissão científica que prepara a Terceira edição da revista científica Catarinense da educação.

de questões metodológicas: “Importante contribuição do jogo da velha na aprendizagem do jogo de xadrez nas series iniciais do EF” e “Guerra Fria na terra do samba em ‘O homem do Sputnik’: o uso do cinema na sala de aula”.

O artigo A Investigação Psicopedagógica Inicial: A Anamnese Como Base do Diagnóstico Eficaz escrito pelo colunista do JE Gilmar de Oliveira, publicado na primeira edição, teve até o fechamento desta edição, mais de 20000 acessos. Outro artigo, A Leitura e a Língua Portuguesa no Ensino Superior, de autoria de Almira Luiza Borba Corrêa foi visitado mais de 5200 vezes.

A Comissão científica coordenada por Norberto Dallabrida já está analisando, emitindo parecer e selecionando os trabalhos para a terceira edição.

Visite nosso site, conheça as normas para publicação e mande seu texto para análise.

Acesso nossa página e verifique as regras para envio pelo e-mail: contato@jornaldaeducacao.inf.br ou telefone/whats (47) 984150630.

As duas primeiras edições do JECC, a revista científica digital do Jornal da Educação estão disponíveis no endereço: www.jornaldaeducacao.inf.br/edicao-digital-pdf.html, sem restrição de acesso.

Composta de cinco artigos e uma resenha, entre os artigos, dois tratam



No mês de junho de 2020, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) completou seus 30 (trinta) anos. Instituído em 1990, o ECA é referência mundial na previsão de direitos fundamentais das crianças e adolescentes.

Entre suas previsões, destaca-se o artigo 60, que estabelece a proibição de qualquer tipo de trabalho para menores de 14 (quatorze) anos de idade.

Neste sentido, é necessário ressaltar que o trabalho a partir dos 14 (quatorze) anos de idade, somente é permitido por meio de contrato de aprendizagem,

têm seu direito à infância violado, além de permanecerem expostos à diversas situações de risco, vez que a maioria desses trabalhos são exercidos em condições degradantes.

Dentre os trabalhos infantis mais comuns, estão o trabalho doméstico e o trabalho rural.

O trabalho infantil doméstico afeta principalmente as meninas, que desde muito cedo são submetidas a limpar, passar e cozinhar, não apenas dentro de suas residências, mas também nas residências de terceiros.

Tal modalidade de trabalho infantil, na maioria das vezes ocorre

Aumento do trabalho infantil como reflexo da Pandemia do Coronavírus

Por Karla Borcate*

conforme assegura o artigo 428 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Exceto na condição de menor aprendiz, a Constituição Federal em seu artigo 7º, inciso XXXIII, veda a realização de qualquer trabalho pelo menor de 16 (dezesseis) anos, prevenindo ainda a proibição do trabalho noturno, insalubre ou perigoso ao menor de 18 (dezoito) anos de idade.

Embora exista tamanha previsão legal visando proteger as crianças e adolescentes da exploração do trabalho infantil, na prática a realidade é outra.

O Brasil possui mais de 2,4 milhões de crianças e adolescentes entre 05 e 17 anos submetidos ao trabalho infantil (Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua, 2016). Diante da Pandemia do Coronavírus a situação é ainda mais agravada!

Com o grande número de desemprego, bem como diante da suspensão das aulas presenciais, diversas famílias em estado de vulnerabilidade, passam a forçar seus filhos menores a trabalhar para auxiliar no sustento do lar.

Ao serem submetidas ao trabalho, as crianças e adolescentes

* Karla Borcate é advogada especialista em direito do trabalho

Yolanda Robert — Advogada especialista em direito do trabalho (OAB/SC 20.952), diretora jurídica da Associação Brasileira de Recurso Humanos - filial de Joinville e administradora do escritório Robert Advocacia e Consultoria.

Aulas presenciais continuam suspensas até sete de setembro em Santa Catarina

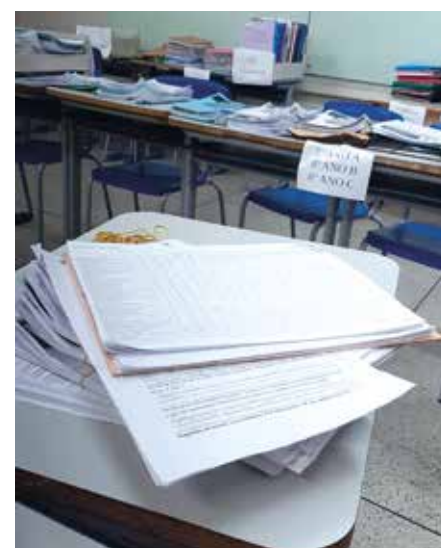
Ainda não há data de retorno das aulas presenciais no estado de Santa Catarina. A decisão será tomada em conjunto com a Secretaria da Saúde. Até o fechamento desta edição, quando o Brasil era transformado no principal laboratório do mundo para a testagem de vacinas contra o Corona Vírus, o governo do estado apenas anunciou (17/07) a suspensão das aulas presenciais na educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, educação de jovens e adultos e ensino técnico até 7 de setembro, nas redes municipais, estadual, federal e privada em todo o Estado de SC.



Até o dia 22 de julho, a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) havia aprovado a realização de três teste de vacinas contra a Covid-19 no Brasil. Estavam autorizados os testes para as vacinas da farmacêutica norte-americana Pfizer em conjunto com a empresa alemã de biotecnologia BioNTech.

As outras duas autorizações são para a vacina desenvolvida pela Universidade de Oxford em parceria com a farmacêutica AstraZeneca e a do laboratório chinês Sinovac. O Governo de São Paulo e o Instituto Butantan, anunciaram em junho uma parceria com a farmacêutica chinesa Sinovac para produção e testes em estágio avançado de uma vacina contra o coronavírus.

O acordo prevê testagem em 9 mil voluntários no Brasil e fornecimento de doses até junho de 2021, caso a imunização se prove eficaz e segura.



Escolas entregam e recebem as atividades dos alunos que não têm acesso à internet ou preferem entregar as atividades em meio físico.

2020- Salas de aula presenciais vazias



2020- Salas virtuais lotadas

Mais de 67% dos estudantes da rede municipal de Joinville estudam via internet.

Regionalização

As medidas divulgadas em 17 julho abrangem 111 dos 295 municípios catarinenses: Carbonífera, Região de Laguna, Grande Florianópolis, Foz do Rio Itajaí, Médio Vale do Itajaí, Nordeste e Região de Xanxerê.

O transporte coletivo urbano municipal e intermunicipal de passageiros estará suspenso por 14 dias a partir de segunda-feira, 20 nestas regiões. A concentração e permanência de pessoas em espaços públicos de uso coletivo, como parques, praças e praias estão suspensas.

Rádio Joinville Cultural divulga conteúdos da rede municipal

Ainda não há data de retorno das aulas presenciais no estado de Santa Catarina. A decisão será em conjunto com a secretaria da saúde. E, obviamente seguindo as determinações do governo do estado.

Na rede municipal, no início de julho, 98% dos alunos estavam acompanhando os conteúdos das aulas remotas. Disponibilizados via internet (Sistema Educa Joinville), impressas pelas escolas e via Rádio Joinville Cultural FM 105,1 os conteúdos mudam semanalmente.

Na rádio, cada semana é escolhido o conteúdo preparado por uma professora ou professor para seus alunos e distribuídos a todos daquele ano/série da rede. Os horários de cada turma podem ser verificados na internet www.joinville.sc.gov.br/servicos/cessar-materiais-educacao-nao-presencial-para-quarentena-do-coronavirus/

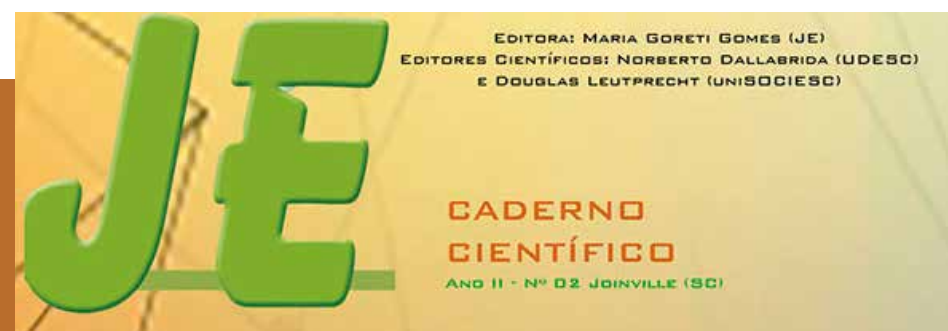
A prorrogação de prazo para a retomada das aulas presenciais na educação básica foi anunciada pelo governador Carlos Moisés, em um pronunciamento em vídeo, no dia 17 de julho.

O governador anunciou também, medidas restritivas, mas regionalizadas, para promover o isolamento social em sete regiões que estão classificadas em situação gravíssima, de acordo com a matriz de risco regionalizada, por conta da pandemia de Covid-19.

A decisão de manter a suspensão das aulas presenciais em todo o estado evita a circulação de mais de UM milhão de pessoas.

Conforme a ferramenta de gestão elaborada pela Secretaria de Estado da Educação (SED) com base no Censo Escolar 2019 do INEP. Santa Catarina tem 1,6 milhão de estudantes matriculados nas redes estadual, municipal, federal e privada - número que corresponde a cerca de 22% de toda a população do Estado.

Segundo levantamento da Secretaria de Estado da Educação 1,06 milhão de estudantes da educação básica catarinense, cerca de 66% de todos os alunos do Estado, deixam de circular nas áreas de risco potencial gravíssimo com a decisão de se prorrogar a suspensão das aulas até 7 de



Professor - pesquisador, o Jornal da Educação publica seu artigo científico, artigo de opinião, resenha e relato de experiência pedagógica sem custo algum. Acesse o portal do Jornal da Educação e envie seu texto para avaliação pela banca científica.

www.jornaldaeducacao.inf.br/artigos-cientificos



A presença de profissionais da Psicologia nos estabelecimentos de ensino é uma luta de muitos anos. Lembro que, em 1997, eu enviei um projeto ao Governo do Estado de Santa Catarina, através da Secretaria de Educação, nas mãos do então Secretário Estadual de Educação, João Mattos (do governador Paulo Afonso). Protocolamos e nunca mais tive notícias.

O psicólogo (a psicóloga) escolar atua junto a toda a comunidade do entorno da escola, com trabalhos embasados e cientificamente protocolados de apoio emocional, identificação de transtornos de conduta, de aprendizagem, checagem dos níveis cognitivos e de atenção dos alunos, orientações embasadas sobre sexualidade, planejamento familiar, prevenção às infecções sexualmente transmissíveis, orientação e preparo para prevenção ao uso de entorpecentes e não apenas combatendo a indisciplina,

salários tão baixos, poucos profissionais se habilitam a ficar 40 horas por semana para uma remuneração que não atende à realidade de um profissional da Psicologia.

A boa surpresa foi chegar a João Pessoa, em 2012 (onde fui prestar concurso público), e saber que as escolas municipais já contavam há anos com psicólogos, às vezes mais de um por escola, em seu quadro de servidores. Foi aí que me interessei e, no ano seguinte, voltei a João Pessoa para prestar um novo concurso, agora para a prefeitura, que oferecia um salário de quase 4 pisos nacionais e carga horária de praticamente meio expediente. Para surpresa de todos, com 30 vagas à Psicologia Escolar, algo raríssimo na maioria das cidades. Eu tive a honra de ser aprovado em primeiro lugar para o cargo de psicólogo escolar na prefeitura de João Pessoa, resultado divulgado em 31 de março de 2014. Fui assumir a

posição. Aluguei uma casa próxima à escola com os melhores resultados do IDEB, cujos dados encontrei no site do MEC e da Prefeitura. Procurei a escola do bairro e gostei da estrutura. Mas não percebi que não havia salas de atendimento para os psicólogos. Conversei com a assistente social da escola, outra novidade para mim, até então, sendo uma grata surpresa. Meses depois, a ingrata surpresa: a escola maquiava seus números para melhorar seu IDEB.

Estando ali como pai, não percebi o que o psicólogo escolar perceberia: a ausência da estrutura para atuação.

A falta de estrutura aos profissionais desta escola, a indisciplina epidêmica, a falta de segurança no entorno, invasões à escola, faltas constantes de professores fizeram com que em menos de dois meses eu procurasse uma escola particular e encerrasse este caso de amor com a escola dos meus

PSICÓLOGOS ESCOLARES! Essenciais, mas com a devida estrutura.

Parte 1 - Minha Experiência Inicial - De Santa Catarina à Paraíba

muito menos diagnosticando alunos. Mas os encaminhamentos aos profissionais, a orientação e apoio aos pais, são tarefas básicas essenciais e exclusivas do psicólogo, dentro de sua abordagem.

Como atuo na área desde 1997, prestando consultoria a tantas escolas, sendo remunerado pelas associações de pais e professores, percebi a dificuldade dos governos em efetivar projetos de contratação dos psicólogos. No entanto, anos mais tarde, por exemplo, o governo estadual de Santa Catarina contrata técnicos pedagógicos, através de um concurso, cujas descrições das funções destes técnicos até hoje não é clara. Atuam como orientadores, como substitutos de professores, na secretaria da escola e em toda sorte de atividades. Mas psicólogo escolar, que poderia trazer melhorias ao processo de gestão do ensino e da aprendizagem, este não foi jamais citado nos editais.

Timidamente, desde 2014, tenho visto nos sites de emprego uma elevação de municípios acrescentando vagas para psicólogos e psicólogos escolares, mas com salários baixíssimos, às vezes até igual a um salário mínimo, nos editais das cidades do interior nordestino, principalmente. É uma boa-nova termos essas oportunidades, mas com

A Secretaria de Educação de Joinville criou um comitê para estudar e criar os protocolos para retorno das aulas presenciais com calendário ainda indefinido. As medidas são definidas em consonância com a Secretaria da Saúde, responsável por avaliar o cenário. O retorno deve acontecer, com data posterior a do decreto estadual.

vaga e exercer a função em janeiro de 2015.

Comecei a perceber que seria uma jornada com alguns percalços, devido à falta de estrutura. A escola onde iniciei era nova, com dois anos da sua inauguração. No entanto, ao chegar na escola, ser bem recebido, entender a sua hierarquia, o fluxograma, o projeto pedagógico da escola, notei que sequer havia uma sala de psicologia escolar para poder oferecer privacidade ao ouvir e entrevistar pais, alunos e professores, organizar materiais e iniciar um trabalho com um espaço físico que eu pudesse atuar.

Ou seja: o mínimo, que é um espaço físico para o exercício da profissão, não havia em praticamente nenhuma escola da Rede Municipal de João Pessoa. Nenhum material específico, nem fichas, nem anamneses, nem jogos ou brinquedos, material de avaliação, coordenação geral no município para traçar diretrizes coletivas, nortear os trabalhos, enfim, apenas a presença do psicólogo e o pedido de dezenas de professores para que este profissional observasse crianças, conversasse com elas, atendesse alunos indisciplinados, registrasse advertências. Ou seja: não havia a consciência da função entre os profissionais da Educação atuantes na escola.

Em abril de 2014 cheguei com a família para morar em João

filhos. Justo eu, um profissional que sempre acreditei na escola pública e gratuita, com acesso a todos, com qualidade de ensino e de apoio, abandonando uma escola que acreditei ter condições de educar meus filhos. Tal situação frustrou as minhas expectativas, pois acreditava que, com profissionais pedagogas, psicólogas e assistentes sociais, professores habilitados e a estrutura conservada, teríamos ali a efetivação de um trabalho de qualidade.

Menos de um ano mais tarde, entrei no sistema que acreditava, mas identifiquei sérias limitações. Naquele momento, eu me assumi como profissional da Educação do município. Encarei como um desafio, como uma luta. Mas constatei que, sem estrutura, não há como desenvolver um trabalho de qualidade, onde a psicóloga (psicólogo) escolar, a/o assistente social ou qualquer especialista faça a diferença ao aluno.

Meu temor é que, com o Congresso Nacional derrubando o terrível veto de Bolsonaro à implantação de psicólogos nas escolas, as cidades contratem profissionais, mas sem oferecer a estrutura essencial para uma atuação correta e digna, sem a qual a Psicologia Escolar será inócua. Continua na próxima edição

* Gilmar de Oliveira, psicólogo clínico e professor universitário; especialista em Neuropsicologia e Aprendizagem; Mestre em Educação e Cultura. E-mail: psicogilmar@gmail.com

@psicogilmar facebook.com/psicogilmar



O que fez com que a mensagem de Jesus chegasse até os dias atuais e se espalhasse entre mais de dois bilhões de seguidores? No início do primeiro século d.C., havia uma proliferação de profetas anunciando a chegada do fim do mundo. Mas Jesus era especial. Sua mensagem se destinava a todos os povos da Terra e não fazia distinção entre judeus e pagãos; já os outros pregadores se baseavam nos rigores da Lei judaica.

Além disso, Jesus teve um importante divulgador de sua

JESUS X PAULO



mensagem: Paulo de Tarso. Poliglota, dominava o idioma grego, o que ajudou sobremaneira para que a doutrina cristã não ficasse restrita à Galileia, Samaria e Jerusalém, locais por onde Jesus havia pregado.

O discurso do Messias era bem acolhido por todo tipo de gente, pobres e ricos, judeus e estrangeiros. Prometia o Céu aos que cressem nele, sem precisar seguir rigidamente a Lei Mosaica. Portanto, mensagem mais atraente e mais fácil de ser digerida. Os detalhes de sua vida, cheia de prodígios e curas milagrosas, também serviram para colocá-lo na vanguarda dos outros profetas.

Quando a Paulo, será que ele foi um discípulo fiel à doutrina do Mestre? Nem sempre. Algumas vezes encontramos diferenças gritantes entre ele e Jesus, a ponto de muitos historiadores afirmarem que

Fernando Bastos é escritor, ilustrador e artista plástico. Publicou dois livros: "Teofania" e "Crimes em nome de Deus". E-mail: fernandodilustrador@gmail.com e Facebook: https://www.facebook.com/fernandocesar.bastos

os cristãos seguem o "paulinismo". Paulo adotou o pensamento dos estoicos (filósofos gregos do séc. III a.C.), que aconselhavam o afastamento dos prazeres carnavais.

Enquanto Jesus ensinava o amor ao próximo, admitia mulheres como discípulas, e perdoava as madalenas, Paulo trouxe um discurso que muitas vezes flertava com a misoginia. Para ele, a mulher devia ficar trancada em casa (exatamente como era na Grécia), e reforçou a obediência feminina: "Não permito que a mulher

Todos aprendem em tempos

A professora Geane Moreira Leite Peters, leciona Língua Portuguesa, na Escola Municipal Professora Laura Andrade. Com 17 anos de experiência e familiaridade com as tecnologias que já usava no ensino presencial, confessa que no início houve dias em que chorou.



A Gincana julina on line manteve a tradição das festas na escola

Adaptação foi complicada

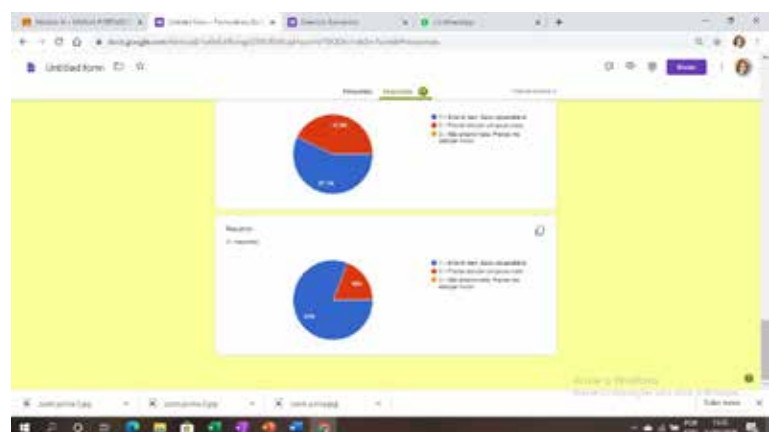
Para a professora Geane Moreira Leite Peters, as primeiras semanas de aula foram as mais difíceis. "Era preciso me adaptar a usar as ferramentas do google classroom e a formação que tivemos foi muito rápida e virtual. Por mais que eu seja uma pessoa que tenho certa facilidade com a tecnologia, não é fácil" reforça.

"Além disso, o processo tecnológico ficou muito mais burocrático. Antes trabalhávamos com sequência didática e o plano de aula era feito uma vez por mês, agora é semanal e é preciso pensar em muitas coisas ao mesmo tempo: É um plano de aula por semana. Ele precisa estar dentro das normas da nova BNCC (algo que também é novo para os professores esse ano).

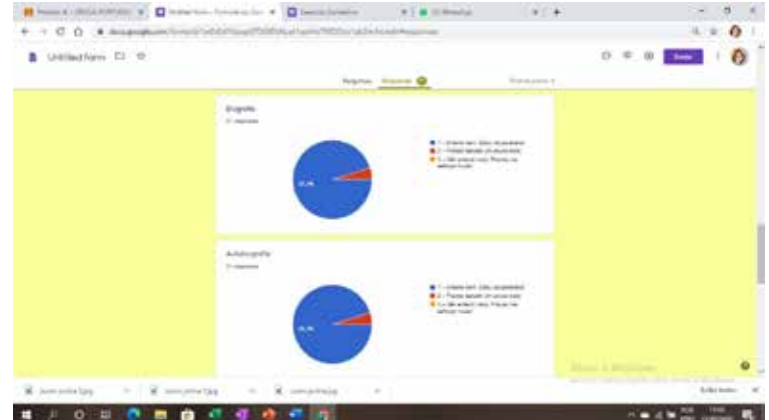
Então, você precisa pensar duas formas de plano diferentes, pois uma vai para a plataforma digital e a outra vira um módulo a ser impresso para os alunos que não tem acesso à internet.

"Alguns professores optam por fazer apenas um modelo. Considero que fica muito restrito e pobre. Se tenho ferramentas on line que tornam as aulas mais interativas me sinto na obrigação de usá-las".

"Além disso, tem mais uma dificuldade. Na sala de aula temos as auxiliares que nos ajudam bastante com os alunos de inclusão. Na pandemia ficamos sem elas, então nós mesmos estamos tendo que adaptar os planos para esses alunos. Apesar da ajuda que recebemos das responsáveis pela sala de AEE é complicado".



Questionário de autoavaliação auxiliou na revisão de conteúdos



PREOCUPAÇÃO - "Eu tenho um aluno deficiente auditivo. Imagina adaptar um plano para esse aluno sem a ajuda da intérprete de libras. Isso me deixou bastante inseguro. Minha sorte é que a família do aluno é muito dedicada e a gestão e supervisão da escola também auxiliam bastante.

Depois de quase três meses de aulas on line conseguiram que a intérprete voltasse. Desde então ela está gravando vídeos a partir do planejamento que faço e interpretando a aula para o aluno.

O MAIOR DESAFIO - "A maior angústia é o baixo feedback por parte dos alunos. Poucos mandam questões ou nos procuram, seja pelas redes sociais ou pelo google classroom. Isso é meio que dar aulas no escuro.

DIAGNÓSTICO - Por outro lado, vi casos de alunos que se superaram bastante no ensino a distância e desenvolveram sua autonomia. Enfim, aprenderam a pesquisar.

Baseada nessa angústia e devi-

de 'homeschooling forçado'...

O lado bom do ensino remoto

A estudante Isabeli Moreira, 11 anos, 6º Ano, da Escola Laura Andrade está vivenciando uma experiência positiva durante a pandemia. Com as aulas on line, pode ficar com o pai Hugo, que mora em Rondonópolis (MT), cerca de 1800 km de Joinville, onde reside com a mãe Geane e o padrasto Thiago de Oliveira Peters.

Ela está estudando de lá e já encontrou uma maneira de fazer as atividades com as colegas de turma daqui, via internet.

"Ela só consegui ir porque meu pai levou de carro. Todos os aeroportos estavam fechados quando ela foi. A pandemia tem seu lado bom também, por mais bizarro que isso pareça", registrou a mãe, a professora Geane.

Onde comer na BR?

"No começo da viagem estava tudo bem tranquilo estava bem espaçoso no carro muito confortável", conta Isabeli.

"Mais tarde paramos num posto e compramos alguma coisa para o

café da manhã.

Na hora do almoço, foi bem difícil encontrar algum lugar aberto. Estava tudo fechado por conta da pandemia. Demoramos mais ou menos uma hora para achar um lugar aberto".

Com as amigas

"O estudo não está sendo muito difícil. Toda semana consigo cumprir o prazo das atividades bem e ainda sobra tempo para brincar e descansar.

Recentemente comecei a ligar para as minhas amigas para fazermos as atividades juntas como desenhar, estudar, copiar e ler.

Nunca tinha experimentado essa forma de estudar com alguma amiga em casa online e eu achei uma forma bem interessante, desse jeito as duas podem se ajudar e podem até conseguir tirar melhores notas.



Isabeli está visitando o pai que não via há um ano

Está sendo bem divertido estudar com alguma amiga minha. E depois ainda conversamos um pouco no telefone. Essa experiência até que está sendo bem interessante eu estou gostando, mas eu ainda prefiro a aula presencial.

Eu gosto de ver os professores, ver meus amigos, conversar, interagir etc. Mas está sendo bem legal ter essa oportunidade.

Em home office desde março



Thiago montou o escritório no quarto de Isabeli

Casa pequena e rotina bagunçada

"Vamos começar assim, estávamos os três em casa em home office. Thiago, ela e eu. Às vezes era complicado pela falta de espaço ou barulhos na rua. Então, isso é bom. Só foi possível porque está estudando a distância e aproveitou para ficar com o pai. E a mãe pode dedicar-se à maluquice que tem da vida de professora por aqui".

"Às vezes um estava na cozinha, outro no quarto, outro na sala. Sorte que minha casa é grudada na casa da sogra e ela mora na praia, vem só de vez em quando para Joinville. Então nos dias mais agitados, uso a casa da sogra, principalmente quando temos reuniões on line e precisa de concentração.

"Estamos em HomeOffice desde março. A experiência começou meio bagunçada, sem saber onde e o que fazer direito para que as atividades cotidianas não fossem prejudicadas.

Com o passar das semanas, nos alinhamos e conseguimos chegar a um equilíbrio no que se refere ao espaço e tempo de cada um.

Atualmente é muito gratificante trabalhar perto da família, podendo resolver as coisas do dia a dia rapidamente, aumentando nossa interação e também otimizando todas as notas funções.

Hoje conseguimos nos organizar e deixar tudo em ordem, ganhando mais tempo juntos.

A economia do tempo de trânsito até o trabalho e a melhor organização de nossa agenda permite que possamos aproveitar cada momento. Está sendo uma ótima experiência de ficar em casa com a família" registrou Thiago



Coordenação: Professor Dr Leandro Villela de Azevedo

Continuamos em nosso país com a disputa entre defender a economia e defender a saúde, cada qual com os seus argumentos. Mas um ocorrido no final de maio, o fechamento dos aeroportos americanos para voos brasileiros faz surgir uma nova dúvida. Até que ponto não seria pior para a economia correr o risco de ficar isolado comercialmente por não ter conseguido lidar de forma adequada com a pandemia. E como historiador posso dizer, todos os grandes impérios que se deixaram isolar economicamente não estão aqui mais para contar a história então eu conto.

Em 1453 o mundo viu um império surgir. Os otomanos, que até então eram uma espécie de pequeno reino na fronteira entre o mundo islâmico e o Império Bizantino, conseguiram fazer o que se acreditavam ser impossível capturaram Constantinopla. Derrubam a "Roma do Oriente" a fortaleza que tinha conseguido se defender por mais de um milênio a sucessivas tentativas

Fez o que? Vendeu para o inimigo, Mehmed II dos Otomanos, que usou a tecnologia que deveria defender Constantinopla, para derrubar suas muralhas e a invadir.

Mas pelo jeito os Otomanos não aprenderam a lição. Fizaram um império amplo e poderoso, se estendendo do sul da Hungria na Europa até quase a Índia, ocupando todo o norte da África e Oriente Médio. Eram a maior potência militar e econômica de seu tempo.

Ocorre que logo os países europeus precisaram se adaptar, começaram as grandes navegações, a Europa deixa de usar a rota da seda (por dentro do império Otomano) e passa a usar a rota naval, Oriente e ocidente estabelecem amplas trocas comerciais sem precisar passar pelo Império Otomano, que ao invés de tentar negociar, tenta a força tomar os polos do comércio para voltar a controlá-lo.

Aos poucos, isolado economi-

Como vencer uma guerra sem lutar?

de invasão. E como Mehmed II dos Otomanos fez isso? Isolou Constantinopla economicamente. Claro, a técnica de se isolar uma cidade com o exército e não deixar ninguém sair ou entrar já era antiga, os Romanos tinham usado para capturar Cartago nas Guerras Púnicas, era usada em escala em toda a Idade Média. Mas com Constantinopla era diferente.

Primeiramente ela estava na encosta da divisão entre a Europa e a Ásia e ainda na ligação entre o Mar Negro e o Mar Mediterrâneo, Isso fazia com que fosse quase impossível a isolar, seria preciso ter tropas em dois continentes e em dois mares. ... Mas Mehmed II soube a forma certa. Além de invadir a Europa para cercar Constantinopla pelo outro continente, teve a brilhante ideia de cortar qualquer comércio com cidades europeias (necessitadas das especiarias do oriente) enquanto não quebrassem suas alianças com o imperador em Constantinopla.

Orban, o grande engenheiro que estava desenvolvendo os maiores e mais poderosos canhões do mundo na época para Constantinopla se defender, de repente ia ficar sem a compensação financeira por seus anos de esforços.

amente, vai ficando para trás em tecnologia e no século XIX começa a perder territórios para potências europeias na época do neocolonialismo.

O Golpe mortal veio quando se uniram ao Império Alemão e ao Império Austro Húngaro na primeira guerra mundial, para tentarem de novo assumirem espaço de destaque mundial e acabarem com sua situação de isolamento como sabemos os alemães (e Otomanos) perderam a guerra e o império foi cortado em partes independentes (das quais apenas o turcos se dizem herdeiros dos Otomanos.

Quando pensar novamente que a escolha está entre apoiar a economia ou apoiar a saúde lembre, se a saúde chegar a tal ponto que formos isolados por sermos foco da pandemia, a economia vai ficar bem pior do que com um isolamento bem feito e coordenado.

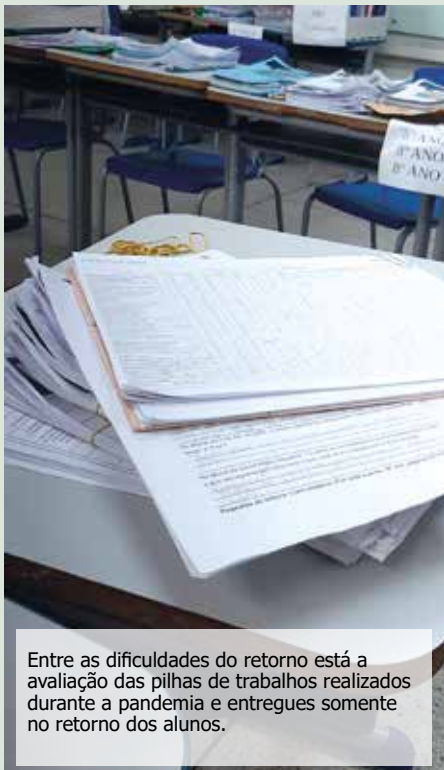
Professor Leandro Villela é mestre e doutor em História Social pela USP e professor da rede particular de ensino em São Paulo. É autor de coleções didáticas e paradidáticos.



A processo gradual de flexibilização da economia determinada por estados e municípios desencadeou o debate sobre a retomada das aulas presenciais nas escolas. Se a reabertura de lojas, shoppings, restaurantes e bares foi geralmente precoce, exigindo muitas vezes o retorno de seu fechamento, as instituições educacionais não podem errar porque lidam com crianças e jovens e têm grande potencial de deslocamento e de aglomeração de pessoas.

Com a negligência vergonhosa do Ministério da Educação na condução nacional dos problemas educacionais, algumas propostas estaduais de retomada das aulas presenciais têm ganhado visibilidade.

Devido ao seu peso na federação



Entre as dificuldades do retorno está a avaliação das pilhas de trabalhos realizados durante a pandemia e entregues somente no retorno dos alunos.

A DELICADA VOLTA À ESCOLA

brasileira e à sua postura no combate à pandemia que nos assola, o estado de São Paulo tomou a iniciativa no campo educacional. No dia 24 de junho, anunciou um plano de volta às escolas – públicas e privadas – para o dia 8 de setembro, mas somente se todo o estado estiver na fase amarela por no mínimo 4 semanas. O território paulista foi dividido em cinco fases – vermelha (1ª), laranja (2ª), amarela (3ª), verde (4ª) e azul (5ª)

Deste modo, o retorno das aulas será escalonado, de forma que na primeira etapa somente 35% das turmas poderão estar em sala de aula; na segunda etapa 70% e, na última, 100%. Segundo o jornal Folha de São Paulo, “para a segunda etapa do retorno, 60% das regiões precisam estar na fase verde da flexibilização da quarentena por mais de 14 dias e, para a última etapa da retomada, 80% das regiões precisam estar nessa situação”. O plano do governo paulista também definiu o protocolo nas escolas, determinando o distanciamento de 1,5 metros e o uso obrigatório de máscara. E, neste plano, o ensino híbrido vai se impor – e veio para ficar no século XXI.

Em Santa Catarina, a Portaria nº 447, de 29/06/20, da Secretaria de Estado de Saúde, autoriza a realização de atividades presenciais no ensino superior público e privado no território catarinense mediante algumas condições obrigatórias como o distanciamento de 1,5 metros entre os frequentadores do ambiente acadêmico, aferição da temperatura corporal por meio de termômetro digital infravermelho daqueles de adentarem aos prédios universitários e o uso de máscaras. Ademais, segundo esta portaria, as instituições de ensino superior poderão reduzir o número de alunos nas salas de aula e intercalar turmas em diferentes dias.

No entanto, na educação básica a situação é mais delicada, especialmente na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental onde o contato e a aglomeração são difíceis de impedir. Para autorizar o retorno às aulas presenciais, as secretarias de educação – estadual e municipais – de Santa Catarina devem se respaldar em parecer rigoroso das autoridades sanitárias, visando a segurança de nossos estudantes.

Norberto Dallabrida * Professor da UDESC e autor de “Ensino secundário público e de qualidade no antigo Instituto de Educação: Florianópolis, 1947-1963 (Editora da UDESC/Dois por Quatro Editora, 2017) - E-mail:norbertodallabrida@gmail.com

IMPAR fala de arte & afeto on line

Lives acontecem quinzenalmente e visam arrecadar fundos para projetos do Instituto

Joinville - A partir de julho o IMPAR promove o projeto “Arte & Afeto – Nossas formas de viver a arte”, uma série de lives com artistas de várias linguagens, com e sem deficiência (mas que façam da inclusão uma premissa) para falar de suas vivências e de sua forma de fazer arte.

O evento ao vivo via internet também contará com a arrecadação de recursos via depósito bancário, uma forma de apoiar as atividades do Programa de Formação Cultural Arte para Todos, do IMPAR, que hoje mantém trabalhos de pesquisa online com o Grupo de Teatro Arte para Todos e experimentações virtuais com o Laboratório de Teatro do NAIPE - Núcleo de Apoio Integral ao Paciente Especial e do SOIS - Serviços Organizados de Inclusão Social. Esses projetos de inclusão e desenvolvimento social continuam em atividade, embora não estejam acontecendo de forma presencial por conta da pandemia do novo Coronavírus.

“Vamos conversar sobre arte e sobre ser artista, sobre corpos diferentes que estão a serviço da Arte, sobre como fazer Arte tendo uma limitação, quais as dificuldades encontradas, quais as formas que cada um se expressa. Também vamos divagar, rir, filosofar um pouco. A ideia é fazer um bate-papo bem leve, mas com conteúdo para trocar afetos nesse mundão”, explica a presidente do IMPAR, Nathielle Wougles. Jogos teatrais, jogos de improviso, poesia, música, teatro de formas e objetos e outras expressões também estarão presentes a cada edição.

A primeira live do dia 18 de julho, às 20h, no canal do Youtube do IMPAR, e contou com a presença do ator e diretor de teatro Robson Benta, do ator e estudante de Tecnologia em Produção Multimídia Darley Goulart e das intérpretes de LIBRAS, Núbia Amorim e Patrícia Medeiros. A anfitriã será Nathielle Wougles, atriz, professora de teatro e terapeuta ocupacional, com mais de 15 anos de

experiência na área teatral e artística – e que como muitos dos convidados da série de lives, também é pessoa com deficiência.

O bate-papo terá cerca de uma hora de duração e será realizado a cada 10 ou 15 dias, sempre em novo horário ou dia da semana para permitir que mais pessoas possam participar. Para saber a programação, acompanhe as nossas redes sociais:

Facebook - <https://www.facebook.com/>
Instagram - [@instituto_impar](https://www.instagram.com/instituto_impar)
Youtube - <https://www.youtube.com/user/InstitutoIMPARGO>

Serviço:
Arte & Afeto – Nossas formas de viver a arte
Quando – Primeira live: 18 de julho, às 20h
Onde - No canal do Youtube do Impar - <https://www.youtube.com/user/InstitutoIMPARGO>
Gratuito – Com contribuições espontâneas por depósito bancário e pelo QR Code fixado na live Instituto de Pesquisa da Arte pelo Movimento – IMPAR - CNPJ 13.310.879/000110
Caixa Econômica Federal – Agência 1897
Conta Poupança 104.176-5
Operação 013

Circula nas redes sociais

NÃO ABAIXE SUA MÁSCARA COLOCANDO-A NO QUEIXO



Área exposta

A parte de dentro da máscara vai ficar contaminada

A boca e o nariz serão infectados pelo micróbio

Quando você tiver que comer, beber ou realizar qualquer outra atividade sem a máscara, retire-a completamente